

GÊNERO CHARGE NA SALA DE AULA: O SABOR DO TEXTO

Alexandra BRESSANIN*
(Universidade Federal de Mato Grosso)

ABSTRACT: This article presents a work with the discourse genres in the school, seeking to improvements in the teaching of maternal language. We accomplished the research-action with students of the Fundamental Teaching of a public school, under a perspective partner-interacionista, based in the theoretical studies on the goods, in the perspective bakhtiniana (1997-2003). During the research, we organized didactic sequences that allowed to work the theme, the style and the construction compositional of the gender political cartoon, maintaining some consonances with the works of Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004). Through the study of the political cartoon, transmitted in the journalistic sphere, we tried to demonstrate which the social function, the characteristics and the responsible linguistic resources for his/her significance. We also discussed, the partner-political-cultural aspects of his/her enunciation and his/her contribution for the reading teaching and school production, making possible the students to enlarge their linguistic and discursive capacities, fundamental for an understanding it activates and critical of the statements, of the reality and of the current world.

KEYWORDS: discourse genres; political cartoon; opinion.

1. Introdução

Este texto tem como objetivo apresentar uma proposta de trabalho com os gêneros do discurso no processo ensino/aprendizagem, visando a melhorias no ensino de língua materna. Trata-se de uma experiência pedagógica com a leitura das *charges* veiculadas no jornal Folha de S.Paulo *Online*, durante o período eleitoral de 2007. Nosso intuito é mostrar como os textos que circulam na mídia formam opinião e influenciam em decisões políticas importantes para o país.

Como a linguagem se constitui na interação entre sujeitos, acreditamos que a *sala de aula* é um espaço de pesquisa-ação-produção, onde é possível ampliar a capacidade de leitura dos alunos e melhorar a qualidade de suas produções escolares. Por isso, este trabalho foi concretizado sob uma perspectiva sócio-interacionista, fundamentado em teorias lingüísticas e discursivas. Os estudos da teoria enunciativo-discursiva de Bakhtin (1997-2003), os trabalhos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), Rojo (2005) entre outros efetivaram esta pesquisa.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental (1998, p. 70) revelam que o terceiro e quarto ciclo têm um papel decisivo na formação de leitores. É no interior destes ciclos que muitos alunos perdem o gosto pelo estudo do texto, demonstrando pouco interesse pela leitura e baixo rendimento nas atividades de leitura e escrita. Mas, assumir a tarefa de formar aluno leitor impõe à escola a responsabilidade de elaborar projetos educativos que visem à intermediação da passagem do leitor de tipologias textuais para o leitor de diversos gêneros discursivos, tal como circulam em diferentes campos de comunicação verbal.

1.1. Sobre o jornalismo *on line*: breve contextualização

Em pleno século XXI, mergulhado nos universos virtuais e nos recursos tecnológicos, o jornalismo *on line*, para além do tripé tradicional imprensa, rádio, televisão, inclui-se como

* Aluna do Mestrado em Estudos de Linguagem (MeEL) da Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT

um quarto meio de comunicação que possui capacidades tecnológicas para incorporá-los e complementá-los. Segundo Miranda (2004, p. 17-20), a *Internet* surgiu em 1969, visava a interesses militares que queriam ampliar a capacidade de comunicação usando instrumentos midiáticos e satélites. Em 1987, com o surgimento de provedores chegou a universidades, logo, muitas pessoas passaram a acessá-la.

Conforme Araújo e Rodrigues-Biasi (2005, p. 9), com menos de um quarto de existência, a *Internet* penetrou de maneira impressionante todas as esferas de *atividade humana*, desde as mais íntimas às mais públicas. Despertou o interesse, propiciou novas formas de expressão e novos gêneros do discurso. Contudo, tanta tecnologia trouxe diversos desafios para o ensino de língua materna. Entre os mais debatidos, estão aspectos relativos às novas estratégias de comunicação e às formas de o uso lingüístico.

O jornalismo *on line* veiculado na *Internet* transmite a informação de forma rápida e dinâmica para qualquer lugar do mundo. O jornal *on line* tornou-se um meio de comunicação autônomo e integrado, possui características próprias e muito acessíveis. As matérias noticiadas tendem a produzir a ilusão de que são fiéis aos acontecimentos reais. Por isso, divide-se em jornalismo *informativo* e jornalismo *opinativo*. Tal distinção supõe que a notícia seja transmitida de maneira imparcial, neutra e objetiva, mas essa neutralidade é impossível em qualquer manifestação lingüística. Diante desse dilúvio de informações encontradas na *Internet*, tomamos as notícias como verdades, considerando a distância e a falta de acesso à realidade. Ficamos não só com a informação, mas também com a *interpretação* dos fatos.

Neste percurso teórico traçado, os estudos de Bakhtin são fundamentais para entendermos a noção de gênero. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, cuja primeira edição foi publicada em 1929, inicia-se a reflexão do autor sobre os gêneros lingüísticos. Bakhtin destaca que em cada época, cada grupo social tem seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica. A cada grupo de formas de discurso social, pertencentes ao mesmo gênero, corresponde um grupo de temas. Entre as formas de comunicação, as formas de enunciação e o tema há uma unidade orgânica que nada poderia destruir, pois as formas de comunicação verbal são determinadas por estruturas sócio-político-culturais da sociedade.

Na obra *A Estética da Criação Verbal* (2003, p. 263), o autor afirma que, diante da heterogeneidade dos gêneros discursivos, fica difícil definir a natureza geral do enunciado e a diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos), pois não se trata de uma diferença funcional. Os gêneros secundários surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente organizado, como romances, pesquisas científicas, gêneros publicísticos etc., que são utilizados em comunicações mais desenvolvidas e organizadas, predominantemente escritas. Em sua formação, incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples).

Desta forma, os gêneros primários (diálogo, carta, etc.), que permitem a comunicação discursiva e imediata, podem ser integrados aos gêneros complexos, aí se transformando e perdendo o vínculo imediato com a realidade concreta. Distinguir gêneros “simples” de “complexos” pode gerar conflitos. Porém, compreender a natureza do enunciado e a diversidade de gêneros presentes nos diversos *campos de comunicação verbal* é de grande relevância para o ensino de língua materna. “Todo enunciado concreto é um elo na cadeia de comunicação discursiva de um determinado campo... Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva” (BAKHTIN 2003, p. 296-297).

Sendo assim, diante da falta políticas educacionais, de compromissos do governo federal com as escolas públicas, só nos resta contar com as contribuições lingüísticas, especialmente quando resultam em práticas mais significativas na sala de aula.

1. 2. Conhecendo o gênero do discurso *charge*

Hoje, nos mais diferentes meios de comunicação, deparamo-nos com diversas formas de protesto e crítica. Críticas ao sistema administrativo vigente, à política social que se adota e aos governantes em geral podem ser feitas, na imprensa, de diversas formas. Uma delas é utilizando-se de argumentos lógicos que possam convencer o leitor. Outra é explorando o riso que resulta da sátira, da ironia e do deboche usados como recursos para criar vínculo com o leitor e persuadi-lo a aceitar as idéias do discurso. Cresce o número de jornais, revistas e emissoras de televisão que exploram a *sátira* política por meio do riso e do escárnio.

Para entender a prática do humor crítico, buscamos reflexões teóricas sobre a exploração do riso nas sátiras feitas à sociedade. Inicialmente, os estudos de Thomas Hobbes (1588) sobre a filosofia grega, onde o autor afirma que além de Aristóteles tratar do riso, a ironia socrática também foi responsável por sua expansão na Idade Média e no Renascimento. Aristóteles dizia que a alegria induzida por zombaria é sempre uma expressão de desprezo, pois entre as origens do prazer estão as ações, os ditos e as pessoas ridículas. Depois, os estudos de Henri Bergson (1859) sobre o riso como escracho, aquele que começa quando termina a comoção, pois neste caso, o riso embute o sentido de humilhar alguém.

E, finalmente, os estudos de Georges Minois (2003), autor que define o riso e o escárnio como “o irônico, o individualidade genial, que consiste no auto-aniquilamento de tudo que é soberano, grande e nobre”. Em seu trabalho, *História do Riso e do Escárnio* (2003, p. 19-20) revela que o riso esconde o seu mistério, às vezes, agressivo, sarcástico, angélico, tomando as formas da ironia, do humor, do burlesco e do grotesco. O riso é multiforme e ambíguo: expressa tanto a alegria pura quanto o triunfo maldoso, o orgulho ou a simpatia.

Com base nesses estudos, podemos dizer que o riso provocado com a leitura da *charge* constitui-se na sátira a pessoas simples e famosas, representantes políticos, fatos e acontecimentos sociais servindo ao mesmo tempo para afirmar e para subverter. Segundo Maringoni (1996, p. 85), a sátira, o comentário e a banalização dos fatos cotidianos e da política nacional fazem parte da prática do chargista.

De acordo com Bakhtin (1981, p. 106-109), os gêneros que mantêm relação com as tradições do cômico-sério ainda conservam o fermento carnavalesco. Seus estudos sobre a *carnavalização* e *polifonia* são importantes para a compreensão da *charge*. A paródia e a sátira das ações políticas são responsáveis pelo *riso carnavalesco* freqüente nas *charges*. Um riso que tem tudo para seduzir nossos alunos e ajudar a formar leitor nos dias atuais.

É pertinente frisar que o significado de uma produção difere de um chargista para outro. Para Caruso (1994, p. 3), por exemplo, *fazer charge* é “espremer em imagens o suco da vida política nacional”. O ideológico na *charge* seja da empresa jornalística, do chargista ou de ambos, nem sempre está explícito. Muitas vezes, de fato, o riso concorre para o mascaramento da intenção ideológica, limitando ao leitor, apenas, a percepção do risível. As *charges*, como conhecemos hoje, são herdeiras do jornalismo ilustrado surgido na Inglaterra e na França dos séculos XVII e XVIII, têm suas raízes igualmente fincadas na iconografia da Idade Média, quando surgiram os primeiros *gráficos caricaturais de humor*.

Os estudos de Fonseca (1999, p. 43) revelam que a palavra *caricatura* surgiu na Itália na segunda metade do século XVII, originando-se do verbo *caricare* (carregar, acentuar, sublinhar), esse estilo de representação existe desde a antiguidade. No entanto, suas origens mais remotas podem ser encontradas em outros tempos. Os povos egípcios já representavam os homens ironicamente como animais ou em situações ridículas em papiros e pinturas. A paródia das cenas sagradas foi cultivada na Grécia e na Roma antigas. Georges Minois (2003, p. 433) revela que o primeiro caricaturista profissional aparece no século XVII: é o romano Pier-Leone Ghezzi (1674-1755). No século XVIII, a caricatura já ataca a esfera política, em

parceria com o panfleto, torna-se uma arte autônoma e adquire uma dimensão social. E no século XIX, ganha lugar de destaque na imprensa brasileira.

Fonseca (1999, p. 17) esclarece que a *caricatura* e a *charge* não são excludentes, sendo a primeira um dos elementos constituintes da *charge*, do *cartum*, da tira cômica, da história em quadrinhos e dos desenhos animados. O mesmo autor (1999, p. 26) diz que o termo *charge* é francês, vem do verbo *charger* (carregar, exagerar, atacar), uma forma de representação pictórica de caráter bulesco e caricatural em que se satiriza um fato específico, tal qual uma idéia, situação ou pessoa, em geral de caráter político e do conhecimento público. O termo *cartum* é uma forma aportuguesada do termo inglês *cartoon* (cartão), que tem sua origem no termo italiano, *cartone*. Em sua composição incorpora elementos da história em quadrinhos, como os balões, as cenas e as onomatopéias.

Mendonça (2003, p. 197) ressalta que distinguir esses gêneros é difícil mesmo para os profissionais da área. O cartunista Fernando Moretti (2001) define o *cartum* como uma crítica mordaz, irônica, satírica e humorística do comportamento humano, de seus hábitos e costumes. Por isso, exige maior habilidade do leitor por se tratar de um gênero em que os detalhes devem ser bem delineados e planejados para dar, ao mesmo tempo, o humor e a veracidade ao tema escolhido. Enquanto a *charge* discute questões sociais e políticas que são exploradas observando os recursos lingüísticos, discursivos e gráfico-visuais.

Romualdo (2000, p. 21) compreende a *caricatura* como o desenho que exagera propositadamente as características marcantes de um ser. Define a *charge* como um texto visual e humorístico que faz crítica a uma personagem, fato ou acontecimento político específico, possui limitação temporal, tem curto prazo de validade: vale para o dia, para a semana ou o mês em que determinado assunto foi destaque. A linguagem da *charge* está em comunicação constante com a notícia, alimenta-se da novidade, dos acontecimentos sociais e, ainda, é considerada uma narrativa efêmera. É possível que não seja compreendida sem uma explicação sobre o fato que a gerou. Por *cartum* entende todo desenho humorístico no qual o autor realiza a crítica de comportamentos e costumes que focalizam realidades genéricas, ao contrário da *charge*, é atemporal.

Romualdo (2000, p. 50) mostra que uma das características da *charge* é a *polifonia*, um jogo de vozes contrastantes, provocador do riso. Outro aspecto importante é que, na construção interna da *charge*, o autor informa e também opina sobre um tema, parafraseando-o ou parodiando-o por meio da representação de um “mundo às avessas”, satirizado pela própria inversão de valores sociais, oferecendo ao interlocutor uma visão crítica da realidade.

A *charge* jornalística atrai o leitor, pois, enquanto imagem, é de rápida leitura, transmitindo múltiplas informações e de forma condensada. Além disso, esse gênero polifônico e envolvente diferencia-se dos demais gêneros opinativos por fazer sua crítica usando constantemente o *humor*, provocando o riso de zombaria, mais precisamente um *riso carnavalesco* sobre a nossa triste atualidade sócio-político-econômica.

Mendonça (2003, p. 207) também revela que a *charge* evoluiu e, em alguns casos, está se adaptando a um novo gênero jornalístico, a *infografia*. Vivemos na era do conhecimento virtual e da informação eletrônica e, como destaca a autora, num contexto social em que a *imagem* e a *palavra* associam-se para a produção de sentidos nos diversos contextos comunicativos.

Neste sentido, podemos dizer que o jornal é composto por diversos gêneros intercalados e desta forma a *charge* constitui-se como um gênero *multimodal*¹. As transformações dos gêneros, bem como o surgimento de novos gêneros, estão ligadas à especificidade de cada *campo de comunicação verbal*, pois, para compreender o processo de construção do sentido, é preciso ver a palavra como um *signo ideológico* cujo sentido é determinado pelo lugar ocupado pelo falante.

2 A prática de leitura na escola

O trabalho que expomos faz parte de um projeto desenvolvido na Escola Estadual Rui Barbosa, no município de Glória D'Oeste/Mato Grosso, durante um período de cinco meses. No decorrer de diversas aulas foram observadas as capacidades de leitura dos alunos da 2ª fase do 3º ciclo do Ensino Fundamental, com o intuito de verificar se o ensino apoiado em *gêneros do discurso* contribui para a melhoria da leitura na escola.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental (1998, p. 21-24), propõe que a unidade básica para ampliar a competência lingüística e discursiva deve ser o texto e os gêneros do discurso objetos de ensino/aprendizagem. Um ensino tradicional que prioriza a gramática não propicia aos alunos a leitura, a análise lingüística e nem a produção de bons textos. Confunde-se o ensino de língua com o ensino de gramática, resultando numa prática metalingüística, com exercícios mecânicos e reprodutivos que só contribuem para o fracasso escolar.

No entanto, trabalhar com a diversidade de gêneros pressupõe não ignorar a diversidade sócio-cultural encontrada na escola pública. Para os PCN (1998, p. 54), ensinar a língua significa possibilitar acesso a usos de linguagens mais formais e convencionais, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania.

¹ Gênero *multimodal* – aquele que une em sua construção composicional o signo verbal e o signo visual apresentando harmonia entre palavras, imagens, gestos, gráficos, entonações, animações etc. (DIONÍSIO 2003, p. 160).

O filósofo russo Mikhail Bakhtin nos mostra que os textos podem ser agrupados em diferentes gêneros do discurso:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas, as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade do campo da comunicação (BAKHTIN, 2003, p. 261-262).

É fundamental contemplar o ensino com a diversidade de gêneros do discurso não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que todo texto se organiza dentro de determinado gênero, em função das intenções comunicativas que partem das condições de produção, as quais geram usos sociais que as determinam.

É preciso considerar que, mesmo em países com regimes democráticos, em que a educação é um direito e a imprensa é livre, ainda estamos sujeitos às manipulações políticas e ideológicas e, como a mídia ocupa um papel importante na formação da opinião pública, cabe a escola o papel de promover a consciência crítica dos alunos diante dos acontecimentos políticos e sociais noticiados na mídia.

2. 1 Seqüência didática

Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97) partem do princípio de que comunicar oralmente ou por escrito pode e deve ser ensinado sistemática e progressivamente por meio de uma estratégia chamada seqüência didática, isto é, uma seqüência de módulos de ensino, organizados conjuntamente para melhorar uma determinada prática de linguagem. As seqüências devem ser organizadas tendo como base um projeto que permita o desenvolvimento das capacidades de compreender e interagir com o gênero em estudo. A sala de aula torna-se, um espaço de leitura, reflexão e produção.

Rojo (2005, p. 157) revela que cada gênero traz em si conteúdos específicos de ensino, distingue os gêneros escolares — instrução de atividades, seminário, ensaio escolar e outros — dos gêneros escolarizados — aqueles que circulam em outras esferas sociais e são trabalhados na escola numa situação de produção diferente daquelas existentes nas suas esferas de origem.

Seguindo os pressupostos teóricos já apresentados, com o desejo de contribuir para a efetiva ação da leitura na sala de aula, elaboramos seqüências didáticas para desenvolvimento do projeto: Gênero *charge* na escola: o sabor do texto. A título de ilustração, apresentamos uma delas em anexo.

2. 2 Charge: uma sátira à política brasileira

Nas sociedades contemporâneas, o poder político se concentra na disputa entre representações do mundo social, que procuram se investir de veracidade e legitimidade. A mídia exerce um papel importante na democracia, oferece a visibilidade da imagem política, mas também impõe obstáculos, sem pluralidade na estruturação de seus conteúdos, pois veicula aquilo que convém ao monopólio midiático. A disputa pela veiculação da imagem ganha maior amplitude nos períodos pré-eleitorais. Em nossa sociedade, assim como em outras, há uma relação estreita entre as corporações midiáticas e os representantes políticos.

O estudo dos gêneros do discurso é fundamental na escola, visto que, segundo Schneuwly e Dolz, ele é utilizado como meio de articulação entre as práticas sociais e os objetivos escolares, mais particularmente, no domínio do ensino da produção de textos orais e escritos. As atividades de leitura que demonstramos resultaram de uma das seqüências didáticas realizadas na escola. O conteúdo foi elaborado a partir de uma seqüência de *charges* extraídas do jornal Folha de S.Paulo *Online*. Observe:

Tomando de Assalto



Para Bakhtin (2004) a concepção de gênero como um processo de interação social se dá numa relação dialógica. Assim, ao definir uma forma de discurso como um gênero, é preciso considerar três elementos principais nos quais o gênero se fundamenta: *estilo verbal*², *conteúdo temático*³ e *estrutura composicional*⁴. Estas três características dos gêneros fundem-se no todo de um enunciado e nos permitem definir a *charge* como um gênero do discurso determinado pelas especificidades de seu campo de comunicação, o jornal *on line*.

² Conteúdo temático é o que pode e deve ser dito num provável enunciado. Ele comporta sempre um tema que é efeito de sentido que um enunciado assume no momento em que é concretizado (BAKHTIN, 2004, p.128-129).

³ Estilo verbal é a escolha do vocabulário, o uso de figuras de linguagens, a composição das estruturas frasais e as escolhas lingüísticas e discursivas feitas pelo autor (BAKHTIN, 2004, p.128-129).

⁴ Construção composicional é a estrutura formal propriamente dita, como a escolha do gênero, do estilo, do conteúdo e das estruturas lingüísticas e discursivas do enunciado (BAKHTIN, 2004, p.128-129).

A *charge* é um gênero que lida com o repertório disponível nas práticas sócio-culturais e imediatas ligando-se sempre ao modo como um determinado grupo vê o outro. Na sua forma atual, a *charge* mantém viva as tradições expressivas que a compuseram historicamente, definindo-se pela apropriação e reatualização de diferentes linguagens: a pictórica e a teatral. O humor gráfico presente na *charge* se dá pela rapidez, pelo exagero dos traços e pela síntese dos fatos, mostrando além da imagem, do alvo que pretende atingir, uma crítica à realidade política. Apresenta julgamentos e compreensões que influenciam na opinião do leitor, estabelecendo uma cumplicidade cotidiana entre autor e leitor num mesmo contexto social. A compreensão construída a partir desse plano interindividual passa para o plano intraindividual, fornecendo as bases para a compreensão.

A *charge* “Tomando de assalto”, extraída do site <http://www.humortadela.com.br> e veiculada no jornal Folha de S.Paulo *Online*, apresenta em seu estilo verbal a junção da linguagem verbal e visual. Nela, o autor explora um texto curto, deixando os sentidos por conta da imagem, que significa de forma mais rápida e dinâmica.

Já o conteúdo temático destaca um momento da política brasileira que deu origem à enunciação presente na *charge*. Quem nos assalta primeiro: o ladrão comum ou os políticos envolvidos na máfia das sanguessugas? A linguagem do caricaturista, herdeira das estampas simbólicas da idade média, explora a possibilidade de sintetizar ou condensar uma idéia complexa numa imagem criativa, dando partida a um processo mental de associações e comparações de um dado personagem.

Tudo isso possibilita ao autor conseguir a adesão do leitor ao conteúdo enunciado. Tais estratégias usadas pelo jornal para tecer críticas limitam a chance de defesa do alvo, pois tudo é relevado em virtude do humor provocado pela *charge*. O mesmo não ocorre com o artigo de opinião fundamentado em argumentos lógicos e objetivos que podem ser contestados com facilidade. Observe outra *charge* extraída do jornal Folha de S.Paulo *Online*:



(Folha de S.Paulo 15/10/2006)

Trata-se de um traço de reflexão através do humor que reproduz sujeitos reais e resume conflitos políticos. A personagem criada pelo autor representa o eleitor brasileiro indignado com os candidatos corruptos. Em relação ao estilo, o autor produz um texto curto, condensado e dinâmico, explorando a ironia textual. O conteúdo temático revela o dia a dia do eleitor num dado momento contextual, o das campanhas eleitorais de 2006, mostrando como é ruim ser abordado na rua por políticos pedindo voto.

Não há *charge* sem que o pacto entre autor e público leitor seja respeitado e, mesmo, reiterado. Assim, é possível pensar no gênero como um discurso de flexibilidade apenas relativa, apto a falar com agilidade e precisão sobre os acontecimentos políticos imediatos.

Na construção composicional, o autor refere-se a personagens reais ou a tipos socialmente reconhecíveis, a personagem em voga é um tipo familiar, o eleitor brasileiro. Nesta *charge* o humor está na ironia construída a partir da união do texto verbal ao visual. A imagem do eleitor unida ao enunciado: “odeio ser abordado por políticos na rua...” revela que a ironia se faz quando o autor mostra que ser abordado com um pedido de voto é o mesmo que ser ferido por uma sanguessuga. Em outro momento contextual, temos:



(Folha de S.Paulo 29/10/2006)

Em relação ao estilo, na *charge* acima, novamente temos o mesmo jogo semântico, a ironia é constituída na união da linguagem verbal com a visual. O autor explora muito bem os recursos visuais destacando nas imagens caricaturais uma sanguessuga de terno e gravata vermelha, que remete ao Partido dos Trabalhadores, e mostra o eleitor com a cabeça de burro, revelando a sua fraqueza ao decidir em quem votar. Quanto ao conteúdo temático, temos outro momento contextual, pós-eleições de 2006, em que o candidato reeleito volta às ruas para agradecer ao eleitor pelo voto. O enunciado “usou a cabeça” é irônico, pois ao mesmo tempo em que elogia, critica o eleitor. Ainda que envolvidos em mensalão, máfia das sanguessugas, dossiê etc., muitos políticos corruptos ainda acabaram reeleitos pelo povo.

Na construção composicional da *charge*, o autor explora o desenho caricatural dos políticos, remetendo-nos à crítica do *terno e gravata*, pois os políticos se preocuparam com a imagem a ser divulgada na mídia e não em propor sérios debates para ajudar a população a compreender os seus projetos e como se estrutura a política brasileira. Mais do que representar a indignação do chargista, as *charges* presentes na imprensa não apenas refletem, mas também formam a opinião pública.

Desta forma, como num jogo, a charge envolve uma série de regras e suas peças podem ser reordenadas de acordo com os objetivos de cada partida. Trata-se de uma forma narrativa que, embora em sua própria tradição formal só produza sentido num contexto concreto e num tempo determinado, é capaz de produzir diversão renovada e também surpresa, dúvida ou estranhamento, como nessa *charge* que encerra uma seqüência de textos construídos no período das eleições de 2006 para satirizar os políticos envolvidos na *máfia das sanguessugas*.



Quanto ao seu estilo verbal, de maneira irreverente e criativa, o autor estabelece uma “diferença cultural” entre os Estados Unidos e o Brasil, ao retratar personagens da tradicional festa de *Halloween*, utilizando-se de uma tradição americana para fazer uma piada com a política brasileira, mostrando valores culturais que revelam como cada país é visto internacionalmente.

Nesta *charge*, o conteúdo temático revela um novo momento contextual, em que a diversão é garantida na ironia feita à política brasileira: enquanto os americanos correm dos fantasmas no dia das bruxas, os brasileiros correm das sanguessugas todos os dias. No que se refere à construção composicional, o autor propõe um jogo interessante entre o título, a famosa festa do *Halloween*, e as imagens caricaturais que contribuem para a construção da sátira de um momento político na vida dos brasileiros.

As sátiras feitas à política brasileira vão além das ocorridas nas *charges* anteriores. O desafio do autor é produzir uma identidade por diferença, pois reproduz a imagem de sujeitos reais através de personagens fictícios. A riqueza desta *charge* está em sua capacidade de registrar o cotidiano e as principais características da política brasileira. O gênero *charge* funciona como um porta-voz da sociedade, permitindo a construção de um ponto de vista, ou seja, a transformação dos fatos em uma posição, denotando e criticando a própria realidade.

2. 3 Da *charge* à formação da opinião na sala de aula

A compreensão dos sentidos produzidos a partir da leitura da *charge* pode mudar conforme os seus interlocutores, suscitando, em cada leitor, uma atitude responsiva ativa, em que ele, sujeito do seu discurso, dialoga com o texto, nele se constrói e é construído. É nessa interação dialógica que se dá a compreensão do discurso midiático e da crítica mordaz aos políticos por meio de sátira, ironia, zombaria, e outros recursos lingüísticos e gráficos visuais presentes na *charge*. Bakhtin/Volochinov (2004, p. 132) nos mostra que “compreender é opor à palavra do outro uma contrapalavra”. É nessa perspectiva teórica que entendemos a leitura da *charge* como uma prática social, um processo de *compreensão ativa*, no qual os sentidos são construídos a partir da relação *dialógica* estabelecida entre texto-autor-interlocutor.

Por isso, propusemos atividades que permitiram aos alunos a reflexão crítica sobre os fatos noticiados. Eis aqui a *contrapalavra*, a resposta dos alunos às atividades de leitura propostas, o seu posicionamento diante do conteúdo temático e das sátiras à política brasileira feitas pelo chargista do jornal Folha de S.Paulo *Online*:

Atividades de leitura

1. *Comente as relações dialógicas entre as charges divulgadas no site <http://www.humortadela.com.br>.*

Aluno N: Res. Ch. 1 Revela uma competição acirrada entre um ladrão comum e os políticos corruptos. Não sabemos quem nos rouba mais e primeiro. **Ch. 2** Na época de eleições os políticos só ficam abordando o eleitor na rua, mas depois somem e fingem que não conhecem o povo. **Ch. 3** O chargista mostra o eleitor com uma cabeça de burro, explorando a união do texto verbal com o visual, ironizando-o, criticando-o por reeleger os políticos corruptos, que agora irão sugar o dinheiro que nos resta. **Ch. 4** Nos Estados Unidos é tradição curtir a festa do *halloween*, dia de todos os santos, os americanos correm das crianças fantasiadas de fantasmas ou tem que dar doces para não sofrerem trapaças. Agora, no Brasil, temos uma cultura diferente, como é tradição imitar a cultura americana, também temos nossa festa do *halloween*, mas enquanto eles correm dos fantasmas, corremos mesmo, é das sanguessugas e todos os dias, por que quando grudam no nosso dinheiro, é muito difícil desgrudar. No diálogo entre as *charges* notamos que há uma crítica comum em todas elas e que todas satirizam a corrupção política no Brasil. Mas, devíamos ter consciência de que o voto está em nossas mãos e de que somos nós que deixamos tudo isso acontecer.

2. *As charges extraídas do site <http://www.humortadela.com.br> do jornal Folha de S.Paulo Online revelam um posicionamento crítico em relação à “máfia das sanguessugas”. Qual é essa posição?*

Aluno M: A Folha de S.Paulo defende que os políticos envolvidos na máfia das sanguessugas não têm vergonha na cara, foram reeleitos, pois o povo confiou novamente, e eles continuarão a roubar o dinheiro público, pois não possuem caráter.

Aluno D: A crítica a corrupção política que envergonha o Brasil e afastam os investimentos estrangeiros, os países vizinhos estão com medo de tanta sujeira na política brasileira. Enquanto os Estados Unidos são conhecidos pela festa do *halloween*, pelos avanços na informática e pela delícia da Coca-cola, o Brasil fica famoso pela corrupção da máfia das sanguessugas. É claro que o chargista está defendendo uma opinião, mas é sempre bom estar informado para não cair em armadilhas.

3. A democracia é um sistema de governo em que o povo escolhe os seus representantes políticos. O resultado das eleições nos mostra que o povo ainda confia nos políticos que se envolveram em corrupção como no caso do mensalão, das sanguessugas, do dossiê e outros escândalos políticos. O que os brasileiros podem esperar dos políticos reeleitos?

Aluno M: Nada! Existem políticos que roubam mais do “gato ladrão de carne”, por isso, temos que pensar bem antes de escolher nossos representantes políticos para não escolher gatos, ratos ou até mesmo, sanguessugas. Os candidatos reeleitos vão cometer mais roubos e aumentar a corrupção, pois prometeram tanta coisa nas eleições e vão acabar não fazendo nada para melhorar o Brasil.

Aluno D: Dos que foram reeleitos nada! Pois no mandato anterior não fizeram o que prometeram, só queriam saber de corrupção e não cumpriram os projetos que prometeram como Fome Zero, Bolsa Família e outros.

4. Muitas pessoas são contra a reeleição e defendem que ela prejudica o crescimento do país. Você concorda com a candidatura de políticos à reeleição? Posicione-se.

Aluno M: Não, porque a candidatura de políticos à reeleição aumenta ainda mais a corrupção política no Brasil.

Aluno E: Sou contra porque se um político ficou quatro anos na presidência da república e não fez nada, então temos direito de escolher um novo candidato para melhorar o desenvolvimento do país.

Aluno A: Não, em minha opinião, quem defende os corruptos não tem informação sobre a corrupção no país. As pessoas não se informaram antes de votar, não leram as notícias dos jornais, das revistas etc., e agora vão sofrer as conseqüências, os roubos políticos vão continuar acontecendo porque o povo escolheu um presidente de um partido que estava envolvido em corrupção.

Aluno L: Se o candidato fez um bom trabalho, sim. O voto está em nossas mãos, não podemos reclamar porque tivemos tempo de buscar informações sobre os candidatos e não descobrimos nada. Não podemos afirmar que o Lula não vai fazer nada porque muitos projetos que prometeu, cumpriu. Mas, não sabemos o que pode acontecer amanhã.

Aluno D: Sim, porque permite que os políticos façam mais coisas pelo país. Mas, não adianta só prometer projetos bons e não realizá-los. Em minha opinião, se no mandato passado o Lula não fez quase nada, não vai ser desta vez que ele vai fazer. Ele não vai mudar, vai continuar fazendo o que fazia no mandato passado, na hora de prometer vários projetos para melhorar o país, prometia. Mas, na hora de cumprir, viajava!

Ao término das atividades de leituras propostas, concluímos que ao compor o gênero *charge* o autor pressupõe um público leitor que possua informações suficientes para efetuar o deslocamento semântico exigido entre as palavras e imagens para poder obter uma *compreensão ativa* desse gênero. O conteúdo temático das *charges* selecionadas revela um jogo de forças que estavam em ação no período das eleições de 2006 no Brasil.

Analisando as respostas dos alunos, constatamos que um dos aspectos mais importantes foi à presença de refutações e sustentações ao tema em discussão na sala de aula. Na compreensão do *dialogismo* entre as *charges*, refutar implicou num posicionamento diferente de cada aluno e, conseqüentemente, na *atitude responsiva ativa* do outro.

Consoante Dolz e Schneuwly (2004, p. 97), que partem da perspectiva enunciativo-discursiva de Bakhtin, é nesse contexto que os aprendizes adquirem uma compreensão maior não só dos conteúdos que se tornam dizíveis através do gênero, como também das diversas linguagens utilizadas e das seqüências textuais e discursivas que formam sua estrutura.

Ao interagir oralmente ou por escrito no contexto escolar, por exemplo, os alunos precisam entender como o conteúdo, a forma da língua e a estrutura composicional dos gêneros discursivos fornecem recursos para apresentar a informação e manter o diálogo com os outros textos. É preciso aprender, portanto, a escolher determinados aspectos do conteúdo aliados aos padrões lingüísticos apropriados ao estudo dos gêneros do discurso.

Segundo esses autores, a seqüência didática é uma alternativa metodológica que pode tornar a prática de leitura na escola mais atrativa e produtiva. Neste enfoque, a interação refere-se não apenas àquelas que acontecem face a face, pois os processos interativos também decorrem de uma compreensão ativa em que o leitor aceita, reformula as informações do enunciado conforme seus conhecimentos e experiências, eventualmente contrapondo-se a elas.

O exercício da cidadania é, portanto bastante dependente da capacidade dos sujeitos compreenderem e atuarem nas situações que envolvem valores e posicionamentos. E, também, depende da capacidade de leitura das condições de produção que permitem a exploração do gênero *charge* nas atuais matérias veiculadas na mídia, especialmente, no jornal *on line*. O riso ou a reflexão extraídos desse gênero discursivo está longe de promover uma transformação nas regras das políticas sociais. Entretanto, as *charges* apresentam doses de comicidade, crítica e irreverência suficiente para contribuir com o ensino de leitura na escola.

3. Considerações finais

Pensar em uma sociedade democrática, em uma política que promova o debate de idéias e o bem social a todos os cidadãos, sem a preocupação com a imagem pública ou a ambição pelo poder, ainda é uma *utopia*. Pensando como Matos (1994, p. 33-34), a mídia surge como um aparato tecnológico configurado na expropriação social dos falantes e na concentração do poder de emissão da informação, o que lhe permite controlar todo um jogo político dentro de uma sociedade.

É primordial esclarecer, pois, para a compreensão da *charge*, a contextualização é necessária, uma vez que, para se produzir humor, é preciso haver cumplicidade com o público. Ninguém ri da piada expressa na *charge* se não houver um código próprio entre o autor e o leitor. Indo mais além, como a *charge* remete às situações noticiadas, geralmente, na véspera ou na antevéspera de ser veiculada, o consumidor da *charge* precisa, necessariamente, ser também consumidor de *notícia*.

Segundo Maringoni (1996:86), a *charge* é apresentada pelo jornal como um material de opinião. Geralmente encontrada na página dos editoriais, configura-se como uma espécie de editorial gráfico, unidimensional que revela um posicionamento do jornal sobre os acontecimentos sociais. O mesmo autor destaca que, por ser datada, a *charge* política é peregrina, mas pode ficar como registro de uma época, sem carregar a sua graça e riqueza lingüístico-discursiva.

Com esse estudo, esperamos ter mostrado que a escola é um espaço privilegiado para compreender o *discurso midiático*, desenvolver a leitura da *charge jornalística* e formar a *opinião*. Pois, ensinar a língua implica ensinar o domínio de diversos gêneros do discurso e, também, gêneros das instâncias públicas de uso da linguagem. Um ensino que resulte do confronto dialógico entre diferentes posições apresentadas pelos sujeitos na escola.

Dessa *atitude responsiva ativa* encarrega-se o leitor, conferindo eficácia a esse tipo de trabalho. A proposta de estudo das *charges* inicia um novo discurso sobre a motivação do trabalho com o *texto/discurso na sala de aula*. A leitura do gênero *charge* despertou nos alunos o interesse para a compreensão das cenas desenhadas, da linguagem verbal e visual e, o que era central, da notícia que gerou o texto, podendo desfrutar das relações inusitadas que o chargista estabelecia entre as *charges* e a realidade, recorrendo a sua principal arma: o *humor*.

Referências

- ARAÚJO, J. C. & RODRIGUES-BIASI, B. *Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: *Estética da Criação Verbal*. [Trad. Paulo Bezerra] 4ª ed: São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. /VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. [Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira]. 11ª ed: São Paulo: Hucitec, 2004.
- _____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. [Paulo Bezerra]. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- BRAIT, B. (org). Bakhtin. *Dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: ed: UNICAMP, 1997.
- DOZ, J. & SCHENEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. [Tradução e organização: ROJO, Roxane & CORDEIRO, Gláís Sales]. Campinas, SP: Mercado de Letras: 2005.
- FONSECA, J. *Caricatura. A Imagem Gráfica do Humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.
- MATOS, H. *Mídia, eleições e democracia*. São Paulo: Scritta, 1994.
- MARINGONI, G. *Humor da charge política no jornal*. Comunicação & Educação. São Paulo: Moderna, 1996.
- MENDONÇA, M. R. S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, A. P. & MACHADO, A. R. & BEZERRA, M. A. (orgs) *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. (p.194-207).
- MINOIS, G. *História do Riso e do Escárnio*. Editora da UNESP, 2003.
- ROMUALDO, E. C. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo*. Maringá, PR: Eduem, 2000.

ANEXO

SEQÜÊNCIA DIDÁTICA

Nome do Projeto: Gênero *charge* na escola: o sabor do texto.

Série: 2ª Fase do 3º Ciclo (7ª série A)

Início: 20/08/06 **Término:** 20/12/06

Tema: *Charge*: uma sátira à política brasileira.

Apresentação da Situação

Desenvolvimento: serão atividades iniciais desta seqüência didática: contextualizar o tema, levantar pontos que dizem respeito ao mesmo, pedir que os alunos explorem livremente o material.

Produção inicial: Comentar sobre o tema, promover discussões entre os alunos. Desenvolver a leitura do gênero do discurso *charge* presente no jornal on line por meio de atividades organizadas em seqüências didáticas, com o intuito de observar a capacidade de leitura dos alunos.

Elaboração de conteúdos: Seleção de *charges* veiculadas no jornal Folha de S.Paulo *Online*, construção de transparências para o retro projetor e fotocópia de textos.

Proposta de leitura: Para essa atividade organizamos os seguintes módulos:

Módulo 1 – o que é humor?

Nesta etapa, os alunos irão estudar o texto: *Na base da piada* de Maria Helena de Moura Neves, extraídos da revista Língua, ano I nº: 12-2006. Com esse texto será discutido com os alunos:

- a) Os pontos importantes do texto;
- b) A importância da ironia, da sátira e outros recursos que provocam o humor.

Módulo 2 – estrutura da charge.

Nessa estudo os alunos compreenderão a estrutura de *charges* veiculadas no site: www.humortadela.com.br da Folha *Online*, especificando tema, estilo e construção composicional.

Módulo 3 – Atividades de leitura.

Nessa atividade, dividiremos a sala em grupos para a discussão do texto. Cada aluno terá direito à palavra, dar a sua opinião ou contrapor a palavra do outro. Será proposto aos alunos que respondam algumas questões para a verificação de suas capacidades de leitura.

Produto final:

A avaliação da proposta de trabalho será feita através da observação atenta do processo ensino-aprendizagem a partir das atividades de leitura das charges, posicionamento diante dos textos discutidos e refacção dos textos.